

Credor prevê negociação fácil

**BELO HORIZONTE
AGÊNCIA ESTADO**

Com o sucesso do pacote econômico, o Brasil se fortalecerá para renegociar a sua dívida externa e poderá firmar acordo plurianual com os credores. A opinião é do diretor do Lloyds Bank, David B. Pirrie, que inaugurou ontem, em Belo Horizonte, a nova agência da instituição, que ocupa entre o quinto e sétimo lugar entre os credores do País. Para ele, o pacote respondeu às indagações internacionais sobre a inflação crescente do Brasil e só tende ao sucesso.

David Pirrie acha que a tendência, agora, é o Brasil voltar a trabalhar com o mercado financeiro internacional normalmente, e não através de sucessivas negociações. Ele alertou, porém, para a queda nas taxas de juros no Brasil, afirmando que, se as taxas baixarem mais que no mercado externo, esse relacionamento normal do País com os credores poderá ficar prejudicado.

O diretor do Lloyds Bank previu também uma queda nas taxas de juros externas, a partir de julho ou agosto, que será seguida por uma estabilização. Depois de elogiar o pacote, David Pirrie disse não acreditar que as medidas tenham sido negociadas antes com os credores: "Foi um plano muito bem desenvolvido no Brasil", afirmou.

Com uma carteira no País de 1,6 bilhão de libras (aproximadamente US\$ 2,4 bilhões, dos quais US\$ 860 milhões através das 14 agências do banco no Brasil — o resto são operações diretas, feitas pela matriz), o Lloyds pretende desenvolver aqui novos investimentos. A meta, segundo o diretor, é aprimorar valores nos serviços já existentes, estimular o intercâmbio e encorajar novos investimentos. Dos seus empréstimos no Brasil, 16% são para multinacionais e 90% para empresas privadas e estatais.

Depois de lembrar que os bancos tiveram suas receitas duramente atingidas pelo pacote, o diretor do Lloyds afirmou que agora é preciso lutar para aumentar essa receita e baixar os custos. Segundo ele, é preciso definir melhor as tarifas bancárias, baixar o nível do depósito compulsório para os depósitos a vista e aumentar a remuneração do compulsório, que ele considera muito baixa. Acha também que os empréstimos feitos ao setor estatal têm de ter garantia de liquidez. Por outro lado, lembrou que os bancos terão de se estruturar de acordo com o que irão administrar. Por isso, ele acredita em muitos ajustes, no futuro, no setor.

Pirrie garantiu, porém, que o Lloyds, com dois mil empregados no Brasil e uma "estrutura enxuta", não terá necessidade de fazer ajustes substanciais para enfrentar o pacote e não estão previstas demissões que não façam parte do próprio turn over do banco.